

## INTRODUÇÃO

O presente número da *Revista de Estudos Literários* propõe-se refletir sobre as noções de reescrita e memória, tendo convidado assim à submissão de trabalhos que pensassem a interseção entre literatura, fenómenos de tradução e história. A ideia de tal repto surgiu-nos no seguimento de duas publicações recentes na área transdisciplinar dos estudos de tradução literária e/ou da literatura estudada através do prisma da tradução. A relevância desses dois estudos anteriores, que abaixo resenhamos, deixou também a descoberto uma lacuna, a saber, uma reflexão sobre os conceitos de memória e reescrita da perspetiva, agora, dos Estudos Literários. A chamada para artigos privilegiou, primeiramente, trabalhos teóricos sobre os diálogos, cruzamentos e sobreposições destes conceitos enquanto entendidos no enquadramento da Literatura. Assim, os trabalhos de pendor mais teórico da autoria de Christophe Herzog, Federico Rudari, Diana Gonçalves e Alexandra Lopes são apresentados na primeira parte deste número aos quais se seguem estudos de caso que discutem obras de literatura lidas enquanto gestos de reescrita que buscam construir, revisitar, corrigir e questionar memória e pós-memória. Referimo-nos aos textos de Valéria Silva de Oliveira, de João Lopes, de Felipe Cammaert, de Terezinha Taborda Moreira, de Renata Flaiban Zanete, Viviane Almeida e Lurdes Macedo, de Isadora de Ataíde Fonseca e de Pedro Madeira e Ariadne Nunes.

Nesta breve introdução, partiremos dos dois trabalhos da área dos Estudos de Tradução que motivaram a proposta temática para este número 13 da *Revista de Estudos Literários*, de modo a pôr em evidência a contribuição que os onze artigos aqui publicados dão

para a reflexão sobre reescrita e memória em/atraves dos Estudos Literários.

A primeira publicação que inspirou este número temático consistiu no número 6 de *Translation: a transdisciplinary journal*, coeditado por Bella Brodzki e Cristina Demaria em 2017 e dedicado ao tópico “Memory”. Na nota de abertura, a editora principal do periódico – Siri Nergaard – declara que sempre considerara pertinente organizar um número dedicado à memória, justificando-se com o seguinte racioamento:

Memory and translation are so obviously connected, yet so little studied. Memory – as the retrieval, reconstruction, inscription, and learning of traces and their effects – plays a central role in any translation process, and translation, in its inherently transformative character, is intrinsic to every memory and memorializing act. (Nergaard, 2017: 9)

Racioamento semelhante poderia desenvolver-se, consideramos, entre memória e produção literária, levando a que a noção de escrita criativa implique sempre exercícios de reescrita. A corrente da teoria estruturalista dos estudos literários e literatura comparada teorizou entendimentos de literatura como palimpsesto (Genette, 1982), mosaico de intertextos (Kristeva, 1984) ou como mediada por modelos ou metatextos (Popovič, 1976). Esta corrente problematizou, assim, a ação de modelos que medeiam, guiam e provocam a literatura. Ditos modelos são construídos pela memória seletiva de leitores de obras originais, traduzidas, nacionais e estrangeiras, num contexto em que a leitura, a tradução, a escrita, em suma, as reescritas são também mediadas, guiadas e provocadas por tradições literárias igualmente seletivas. Conclui Anton Popovič o seu texto da seguinte forma: “Aspects of Metatext”: “Tradition is in fact a superconcept which covers all meta-textual operations, that is, relations to foreign literatures, to one’s own

literature and the ways of manipulating the original work by means of reserve [secondary] texts.” (Popović, 1976: 235)

O artigo de Christophe Herzog reflete justamente sobre a noção de tradição literária a partir de uma análise da noção e funcionamento do mito. Partindo da figura de Antígona revisitada por George Steiner, Herzog mostra como os mitos são polifônicos no sentido em que as diferentes reescritas acumulam interpretações e eventos, fazendo com que a leitura de todo o mito literário seja sempre mediada. Herzog vai mais longe e ilustra o funcionamento do mito com a analogia de Steiner da eucaristia. Tal como o sacramento, o mito baseia-se em repetição, performance, mimese e representação para conseguir o milagre da presentificação, do fazer-se corpo presente. Do lado dos estudos de caso, Pedro Madeira e Ariadne Nunes discutem como o poema *Além* de Mário de Sá Carneiro explora o *déjà vu* e as potencialidades dos textos reserva/secundários para conseguir apresentar um poema inacabado. Por outras palavras, Mário de Sá Carneiro terá, argumentam de modo convincente Madeira e Nunes, recorrido ao artifício da pseudotradução, apresentando o seu poema original como uma tradução do russo, de modo a autorar uma reescrita que, assim, será, retrospectivamente, polifônica e imperfeita e, prospetivamente, criadora de novos ecos e reescritas.

O segundo trabalho que provocou e informou a chamada de artigos que divulgámos para o presente número da REL foi igualmente publicado em 2017: trata-se do livro *Translation and Rewriting in the Age of Post-Translation Studies* de Edwin Gentzler. Neste livro, o autor defende como objeto de um novo momento nos Estudos Literários, Estudos de Tradução e Estudos de Cultura, os fenómenos de reescrita. Estes só poderão ser teorizados (defende Gentzler) em reflexões históricas abrangentes que procurem ler e reconstruir o contexto da pré-tradução e os efeitos pós-tradução. Desta obra, importamos para o presente número da REL, quer o conceito de reescrita,

que, por sua vez, parte do trabalho seminal de André Lefevere (1992), quer a abordagem teórica e metodológica que privilegia a análise das formas como a literatura é manipulada através da reescrita e à luz de agendas ideológicas, estéticas, identitárias, revolucionárias.

Gentzler introduz o seu livro com exemplos bastante convincentes de reescritas que ao invés de procurarem uma versão fiel (no caso da tradução) ou uma descrição e apreciação rigorosa e justa (no caso da crítica) do texto literário de partida, procuraram realmente mudar o curso da história do país de chegada. Dentre esses exemplos, mencione-se o caso histórico de Mao Tse-Tung traduzindo Marx e Engels para chinês (Gentzler, 2017: 3). No entanto, esclareça-se que o conceito de reescrita – em Lefevere (1992), em Gentzler (2017) e na presente publicação – abrange mais fenômenos do que aqueles produtos que, na nossa sociedade, reconhecemos como traduções:

Mao Zedong read Karl Marx in translation. He adapted his political philosophy to the Chinese situation, changing the working-class proletariat to the peasant class, which became the key to empowering the peasants and, by extension, enabling them to overthrow the rulers of the country. There are many translation and rewriting elements in Mao's political texts, although scholars do not call them as such. (Gentzler, 2017: 198)

A citação poderá ser lida em três partes – cada uma limitada numa frase da passagem – que, na presente publicação, se traduzem em três linhas de reflexão. Gentzler começa por mencionar a tradução na sua aceção mais comum de reescrita noutra língua de um texto previamente escrito e publicado numa língua estrangeira, criando-se, mediante este processo, um texto de chegada com fortes relações de semelhança e elos de intertextualidade com o texto original. Já Theo Hermans (1996), primeiro, e Ferreira Duarte (2010), depois, delataram o pacto de leitura em que a receção da tradução assenta: a

tradução é transparente e fiel ao original ao ponto de o tradutor se fazer ausente. “Mao Tsé-Tung leu Karl Marx (...)”. Esta ilusão de uma leitura não mediada das palavras do autor original depende de uma convenção social que prossegue, em grande medida, a funcionar plenamente, porque não notada e, conseqüentemente, não desafiada. Na verdade, Gentzler diz que “Mao Tsé-Tung leu Karl Marx [apesar de] em tradução”, mas, tal como os artigos desta publicação amplamente mostram, nenhum texto literário (traduzido ou não-traduzido) oferece uma relação imediata com um autor. Além disso, ao ler os textos de Karl Marx em tradução, Mao Tsé-Tung leu algo bastante diferente dos leitores originais.

Nesta linha, é compreensível que no presente número dedicado à literatura vista à luz de reescrita e memória, surjam estudos de caso sobre obras literárias que procuram reescrever a história, de forma a resgatar a experiência invisível de minorias migrantes ou desempoderadas. Valéria Oliveira discute o romance *Chorus of Mushrooms* de Hiromi Goto como um gesto de registrar histórias e memórias que não têm lugar na narrativa univocal e monolíngue da história nacional. Interessante é também o facto de, na própria matéria diegética da obra de Goto, as personagens discutirem o perigo e riscos ora da assimilação da comunidade migrante nipo-canadiana na história canadiana ora da sua exotização por via dos preconceitos associados aos “Asian Canadians”. O romance, contado por três narradoras de três gerações distintas, decorre em torno das atitudes de cada uma das personagens – avó, mãe, filha – perante a sua identidade migrante. Isadora Ataíde Fonseca, no seu artigo, discute as obras *O signo da ira* de Orlando da Costa e *Fazenda Abandonada* de Reis Ventura como exercícios de reescrita da história do império que, ao narrativizarem tal evento traumático (o do império), do ponto de vista dos desempoderados, conseguem oferecer um uso público, prático, pragmático de um passado com os olhos postos no futuro. Por último, Renata Flaiban Zanete,

Viviane Almeida e Lurdes Macedo estudam os contos *Nós matámos o cão tinhoso* e o filme *Monólogos com a história* como exemplos, mais uma vez, da potencialidade da ficção literária e cinematográfica de rever a história delatando silêncios e silenciados e injustiças e injustiçados. Referindo-se agora às injustiças no Moçambique pós-independência, as obras exploram figuras que incorporam as feridas (abertas) do passado: um cão decrépito, espetros, fantasmas e ruínas.

A segunda parte da citação de Gentzler prossegue esclarecendo a manipulação dos textos de Marx nas reescritas de Mao Tsé-Tung com o propósito de mudar a história — já não na sua aceção de historiografia, como uma reescrita do passado e sua tradução para o presente, mas como porvir. Esta citação mostra também que a separação entre momentos pré e pós-tradução é puramente heurística e teórica, isto é, sem qualquer contrapartida ontológica ou de natureza cronológica. Mao lendo Marx é uma consequência da tradução de Marx para chinês. No entanto, também a sua reescrita ideologicamente empenhada será o momento do começo de novos efeitos pós-tradutórios que, retrospectivamente, fazem da primeira tradução de Marx um momento pré-tradutório. Ideologias à parte, a reescrita, mais do que a escrita, mobiliza pessoas, agentes, ações, sentimentos.

No presente número, a reescrita como criadora, corretora e manipuladora de memórias aparece em determinados trabalhos como remédio para traumas, doenças, solidão e injustiça. Federico Rudari explora como Anne Boyer sente um impulso urgente para traduzir em palavras a sua experiência de paciente de cancro da mama. A partir da memória *The Undying* de Boyer, Rudari explora as potencialidades e os riscos associados à utilização de linguagem metafórica na reescrita da doença. Se, por um lado, a metáfora oferece as palavras para a reescrita de experiências que, porque não discutidas publicamente, não têm a elas associada terminologia clara, por outro, os novos semas que as metáforas trazem à imagem da doença podem ter sérios impactos

na sociedade. É quicá interessante relembrar neste ponto, que também a tradução foi, ao longo da história, descrita por meio de linguagem metafórica (Hermans, 1985), justamente porque se tratava e trata de uma experiência invisível, incômoda, desconhecida e poderosa. Por outro lado, reescritas acadêmicas (resenhadas por Bassnett, 2001) vieram também denunciar as consequências nefastas a nível social e memória identitária de entender a tradução como uma relação conjugal em que a tradução (palavra feminina) deve fidelidade a um original (lado masculino) ou uma relação de mestre e escravo, quando o cânone “universal” representa, de forma tão desigualitária, as línguas, as nacionalidades e as etnias do mundo fazendo com que a tradução literária seja mais frequente do Ocidente para fora, do Norte para o Sul, dos ex-colonizadores para os pós-colonizados.

Diana Gonçalves, no seu artigo, concentra-se no conceito de memória cultural para explorar dois casos de revisitação dos ataques terroristas do 11 de setembro pela ficção literária e televisiva. Este trabalho começa por mostrar como a memória cultural de eventos históricos é um corpo cambiante e reescrito por diferentes agentes e instituições (audiências, academia, comunicação social, etc.). Mostra também como as diferentes reescritas procuram remediar os eventos traumáticos deveras acontecidos, atuando como remediação e remédio. Remediação enquanto a tradução do acontecido para o verosímil, do real para a ficção e, concretamente, para os *media* da literatura e da televisão. Remédio, no sentido em que os ataques terroristas apresentados nas obras de ficção analisadas por Gonçalves estão unidos aos seus originais por semelhanças e fortes elos de intertextualidade, mas as versões são manipuladas para conceder aos seus recetores uma experiência de justiça e consolo.

O trabalho de Felipe Cammaert põe a descoberto o papel da ficção na construção e na reescrita crítica da pós-memória colonial, isto é, a memória que as novas gerações de escritores experienciaram

somente em segunda mão, pelas narrativas das vítimas das injustiças dos sistemas coloniais. Este trabalho enlaça na reflexão sobre os poderes regenerativos da reescrita, pois discute a pós-memória como reescrita de um passado traumático herdado. Trata-se de uma reescrita da história com os objetivos de “corrigir”, “reivindicar” e “suprir silêncios”. Enlaça, tal como o trabalho de Gonçalves, com a temporalidade específica da reescrita e da memória que representam eventos passados, no sentido em que repetem e presentificam uma seleção de fenómenos acontecidos e os reelaboram, manipulando-os. A memória humana, a memória social, a memória cultural e a pós-memória são seletivas e imaginativas. A reescrita também.

A última frase da citação de Gentzler chama a atenção para o facto de a reescrita e a tradução como conceitos operacionalizados para o estudo da literatura permitirem ler outros elos, outros intertextos, outras polifonias, outros diálogos, outras vozes que passam despercebidas noutras leituras (nas palavras de Gentzler: “although scholars do not call them as such [rewriting and translation]”). Esta terceira linha de reflexão provocada por Gentzler é explorada de forma entusiasmante e inovadora pela discussão teórica profunda de uma “poetics of translatedness”, por Alexandra Lopes. A autora começa por refletir sobre a qualidade do traduzido e as possibilidades do traduzível das próprias línguas que são a primeira instância de mediação da literatura. As línguas são contaminadas pela comunicação com outras e as diferentes variedades e variantes de uma língua assim como outros elementos corpóreos tais como a cor da pele informam e aprisionam-nos em lugares da sociedade e do mundo. Alexandra Lopes defende, depois, na esteira de Salman Rushdie, que a literatura é e foi ao longo da história fortemente marcada pela experiência daqueles que se encontram ou se sentem deslocados. A experiência de estar alhures acarreta necessariamente um reencontro com as línguas e a forma como elas nos obrigam a ver e a dizer o mundo e



a nós próprios de determinadas maneiras sempre imperfeitas e sempre potencialmente polémicas. Por fim, a autora propõe o conceito de *translatedness* para a interpretação literária, argumentando que tal prisma poderá permitir a leitura de novas dimensões textuais (por ora inaudíveis) que dizem respeito a noções de desencontros, estranhamentos, hibridez e eco. Este projeto permitiria, no limite, ler a literatura como documento de diferentes trânsitos e experiências de mobilidade e identidades fluidas e, assim, contribuir para histórias menos (diríamos nós, provocativamente) monolíticas.

Dentre os estudos de caso, o artigo sobre a ficção de Luandino Vieira por Terezinha Taborda Moreira discute problemáticas afins às mencionadas por Alexandra Lopes, apesar de o conceito de mito e a reescrita dos mitos clássicos também o aproximar do de Christophe Herzog. Colocamo-lo, no entanto, nesta linha de reflexão pelas potencialidades que o conto “Memória narrativa ao sol de Kinaxixi” revela, na leitura de Moreira, na hora de refletir, por um lado, sobre a importância da língua como meio para a narrativa da memória e, por outro, a posição de poder que é condição *sine qua non* do ato de contar. Dinho, o narrador do conto, é investido pela musa com o dom e a tarefa de contar e, ao contar, Dinho – nome que não faz adivinhar grandeza – torna-se voz e, assim, audível, ou seja, poder. Para além disso, Dinho como narrador utiliza um discurso híbrido que vai contra as leis do discurso padrão e que, consequentemente, avançaríamos nós sustentadas por Bourdieu (2001), nos recorda que línguas e variedades de língua são rechaçadas do contar a memória e, por isso, também elas da sua própria memória. João Lopes, no seu artigo, discute o caso da escrita de Yoko Tawada (também mencionada por Alexandra Lopes), escritora nascida no Japão residente em Berlim e que escreve a sua obra em japonês e em alemão. João Lopes revisita diferentes passagens da obra *Talisman* em que Tawada reflete sobre a sua experiência corpórea de

aprender, experimentar e reescrever a língua alemã. A estranheza, a surpresa, o prazer, o esforço e a descoberta que a língua alemã provoca em Tawada permitem um questionamento dos limites da língua e uma reflexão sobre as formas como as línguas conduzem a nossa percepção e a nossa experiência do mundo e de nós próprios.

Em conclusão, atendendo ao jogo de conceitos “reescrita/memória” e ao modo como os dois estudos de que partimos os equacionam em formato dialético, bem como aos argumentos trabalhados nos diferentes artigos que compõem este número e que demonstram a viabilidade teórica e crítica da formulação de diálogos, cruzamentos e sobreposições implícitos a esse jogo conceptual, pensamos que o repto inicialmente formulado na chamada de artigos se cumpriu de forma rigorosa, criativa, instigante. Na realidade, tratando-se de um número marcadamente teórico, refletindo sobre o modo como a teoria literária contemporânea acolhe os conceitos de reescrita e memória no cruzamento subliminar que entretece com a teoria da tradução, os estudos de caso apresentados, colocando igualmente em diálogo a literatura portuguesa com outras literaturas, reafirmam, julgamos, a oportunidade heurística da nossa escolha temática. Tanto mais que, do ponto de vista teórico e crítico, os trabalhos apresentados abrem o debate, incentivam a sua continuidade.

#### REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan (2001). “Da literatura comparada aos estudos de tradução”. Tradução de João Ferreira Duarte, in Helena Buescu, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão (org.), *Floresta Encantada, Novos Caminhos da Literatura Encantada* (pp. 289-313). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- BOURDIEU, Pierre (2001). *Langage et pouvoir symbolique*. [Paris]: Fayard.
- BRODZKI, Bella e Cristina Demaria (eds.) (2017). *Memory*, special issue of *Translation, a Transdisciplinary Journal*, 6.

- FERREIRA DUARTE, João (2013). “Trusting Translation.” *Revista Anglo Saxónica*, III, 3: 17-38.
- HERMANS, Theo (1985). “Images of Translation. Metaphor and Imagery in the Renaissance Discourse on Translation”, in Theo Hermans (ed.), *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation* (pp. 103-135). London: Croom Helm.
- (1996). “The Translator’s Voice in Translated Narrative.” *Target*, 8(1): 23-48.
- GENETTE, Gérard (1982). *Palimpsestes : la littérature au second degré*. Paris : Éditions du Seuil.
- GENTZLER, Edwin (2017). *Translation and Rewriting in the Age of Post-translation Studies*. London: Routledge.
- KRISTEVA, Julia (1984). *O texto do romance: estudo semiológico de uma estrutura discursiva transformacional*. Tradução de Manuel Ruas. [Lisboa]: Livros Horizonte.
- LEFEVERE, André (1992). *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge.
- NERGAARD, Siri (2017). “Presentation.” Bella Brodzki e Cristina Demaria (eds.), *Memory*, special issue of *Translation, a Transdisciplinary Journal*: 6:9-11.
- POPOVIČ, Anton (1976). “Aspects of Metatext”. *Canadian Review of Comparative Literature / Review Canadienne de Littérature Comparée*, 3(3): 225-235.

*Marta Teixeira Anacleto*

Universidade de Coimbra

Centro de Literatura Portuguesa (CLP)

<https://orcid.org/0000-0002-7568-1942>

*Rita Bueno Maia*

Universidade Católica Portuguesa

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

<https://orcid.org/0000-0002-9984-1381>

